

AS NARRATIVAS DE RACHEL CARSON E DOROTHY STANG: VIDAS CÍNICAS COMO CONTRAPELO NA HISTÓRIA DO AMBIENTALISMO

Adalberto Ferdnando Inocêncio*

Marta Bellini**

Resumo: O presente ensaio teórico buscou explorar as vidas de Rachel Carson e Dorothy Stang, nomes que assinalaram o ambientalismo no atravessamento das décadas de 1960-1970. Na leitura empreendida buscar-se-á argumentar que tais histórias de vida convergem em uma narrativa em comum: as ambientalistas promoveram uma ruptura na ordem do discurso dominante de sua época, estilizando efeitos permanentes na história do ambientalismo. Nesse sentido, coadunam-se os estudos foucaultianos e sua contribuição com os conceitos de discurso, cinismo e parrésia.

Palavras-chave: Ambientalismo. Vidas Cínicas. Parrésia.

Abstract: The present theoretical essay sought to explore the lives of Rachel Carson and Dorothy Stang, names that marked environmentalism in the 1960s and 1970s. In the reading undertaken it will be tried to argue that such life histories converge in a common narrative: the environmentalists promoted a rupture in the order of the dominant discourse of its time, shattering permanent effects in the history of the environmentalism. In this sense, Foucault's studies and their contribution to the concepts of discourse, cynicism and parrésia are in line with this.

Keywords: Environmentalism. Cynical lives. Parrésia.

* Professor do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - Campus Regional de Cianorte. Mestre e doutorando (stricto sensu) pelo Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisa atualmente a interface Educação Ambiental na perspectiva de uma Ecopolítica/Ecogovernamentalidade. É membro dos grupos de estudos: Estudos Culturais da Ciência e Educação (UEL), Ciclo de Estudos Foucaultianos (UEM) e Nudisex (UEM).

** Professora da área de Metodologia e Técnicas de Pesquisa do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo.

Introdução

A década de 1970 representa o marco de um período de retomada dos programas para a implantação de políticas ambientais postas em circulação pelos Novos Movimentos Sociais após duas décadas e meia de denúncias e estudos sobre a devastação de vários territórios do planeta Terra. Apesar dessa demarcação oficial, instituída pelas Conferências e documentos oficiais, acreditamos que a materialidade de ditos e enunciados não traduzem a complexidade dos problemas enfrentados por aqueles/as que decidiram dar aos viventes do planeta Terra uma explicação das mortes de pássaros, dos mares e seus peixes, florestas e plânctons, promovidas pelas indústrias de venenos, sobretudo, as dos EUA.

Na abordagem aqui delineada, empreenderemos que o cinismo é um modo de viver que pode estar ligado a atitudes de denunciamento da ordem das coisas. Buscaremos demonstrar que este modo de vida assinalou um marco importante na história do ambientalismo, de modo que aparecem acirradas as noções de vida e verdade de um tempo.

Elencamos os nomes de Rachel Carson e Dorothy Stang como exemplos fortuitos de linhas de fuga que escapam da ordem do discurso (FOUCAULT, 2014) vigente na época em que viveram essas ativistas que, além de anunciarem impactos ambientais, encorajaram visões de mundo capazes de afrontar a máquina vigente da exploração de bens naturais, dos recursos, e a linguagem mercadológico-empresarial que circulava (e ainda circula) no século passado.

Justamente porque impulsionaram esse olhar denunciante ao modelo de acúmulo de capital, tensionaram uma ordem de ruptura. Nesse sentido, suas vidas passam a ser perscrutadas, revelando os perigos a que estão expostos àqueles que escapam de uma chave de leitura que funciona com regularidades próprias.

Por cinismo, aludimos aos estudos de Michel Foucault, principalmente aqueles que se debruçaram ao modo de vida dos gregos. Neste ínterim, Sardinha (2016) especifica que pelo pensamento do filósofo é possível acenar a dois caminhos distintos: um primeiro, que explicitará o cinismo como uma atitude censurada, capaz de exprimir sentimentos que se preocupam com

outras vidas, além de constituir-se em uma intenção mais ou menos deliberada de chocar; enquanto em um segundo sentido, não moral, mas, filosófico, associa-se a uma escola grega específica, dentre os quais um dos nomes a ela associados foi o de Diógenes.

A temática do cinismo em Foucault esteve atrelada a um movimento mais amplo de seus estudos que regeram a parte final de sua vida (encontrados nos cursos ministrados entre 1982 a 1984 no Collège de France¹). Preocupado em entender de que modo se governa a si mesmo e aos outros, Foucault debruçou-se sobre uma série de documentos que aludiam à vida dos gregos.

Dentre uma das considerações a que chegou o filósofo, uma das condições para que se exerça o bom funcionamento do campo da política é a prática do franco falar, do compromisso com o dizer a verdade, noção que ficou cunhada por ele como *parrhesia*, tendo na figura de Sócrates um de seus maiores representantes. A ironia (e não o cinismo) socrática e seu exercício do franco falar tornou-se uma ameaça aquele momento ateniense, tendo sua morte decidida pela democracia direta da época. “A *parrhesia* é a liberdade de linguagem, o dar a liberdade de falar, o falar francamente, a coragem da verdade” (GROS, 2004, p. 11).

Vemos as vidas de Carson e Stang como efeitos que se derivam e são passíveis de diálogos com tais teorizações, uma vez que o movimento que se tem documentado dessas vidas esteve imanente ao jogo de oposições do qual fala Gros (2004): *parrhesia* e confissão, *parrhesia* e retórica e, enfim, *parrhesia* em face dos discursos tidos como verdadeiramente aceitos. Neste ínterim, Carson e Stang estão longe de inaugurar um movimento contrário do que prenunciava o ambientalismo torpe da década de 1970, mas situaram-se inegavelmente como figuras do falar franco; são figuras cínicas de sua época, de modo que não lhes coube uma divisão artificial entre aquilo que se fala e aquilo que se vive.

Ambos os caminhos são interessantes em nossa interlocução, uma vez que cinismo deriva, etimologicamente, da palavra cão, do grego *kuôn* ou *Kunos* (SARDINHA, 2016), isto é, aquele que leva uma vida de cão, mas não o faz por

¹ No Brasil, tais cursos podem ser encontrados pela coleção “Ditos e Escritos” disponibilizados pela editora Forense Universitária.

meramente vivenciar uma situação de pobreza que foi designada, mas, principalmente, pela escolha do livre falar, pela escolha ao dizer-verdadeiro. No curso intitulado *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*, são palavras do próprio filósofo:

Parece-me que no cinismo, na prática cínica, a exigência de uma forma de vida extremamente típica – com regras, condições ou modos muito caracterizados, muito bem definidos – é muito fortemente articulada sobre o princípio do dizer-verdadeiro, do dizer verdadeiro sem vergonha ou medo, do dizer verdadeiro ilimitado e corajoso, do dizer verdadeiro que extrema sua coragem e ousadia até transformar-se [em] intolerável insolência (FOUCAULT, 2011, p. 152-153).

O cinismo como um modo de vida atrelado à noção de *parrhésia*, ligam, ainda, a outro termo: a *aleurgia*. Etimologicamente, *aleurgia* seria “a produção da verdade, o ato pelo qual a verdade se manifesta”, mas este não acontece sem, antes, um movimento de si para consigo: aquele que fala deve, também, praticar o que pensa.

Tem-se um enredamento inevitável desses conceitos que cumprirão um papel imprescindível nesta investigação: a leitura das vidas de Carson e Stang como narrativas que arrastaram traços desse modo de viver que mantiveram similaridades com a Grécia antiga. Não se utilizam desta forma, esses elementos na literalidade que assumiram naquele período, mas como um movimento possível que se atualiza no enredar da história.

É importante sublinhar que o filósofo chegou a esse problema do franco falar analisando a velha questão encontrada no cerne da filosofia ocidental: Foucault estimou que deveria existir uma profunda relação entre sujeito e verdade. Assim como encontrou a noção de *parrhésia* atuando em textos latinos e gregos posteriores, apostamos que permanece por existir fortes tensionamentos de seus efeitos nas políticas do presente. Do mesmo modo que existiram os retóricos, cuja preocupação não esteve ligada à verdade, contrapõem-se aqueles que trilham um modo “escandaloso²” de viver, assumindo as consequências do que dizem, como aconteceu com Sócrates.

² Diz Gros (2004, p. 162-163): “Com os cínicos, trata-se de fazer explodir a verdade na vida como escândalo”.

É preciso explicitar, contudo, que pelas noções trazidas até aqui deve-se tomar um cuidado necessário, não extrapolando tais noções a todo e qualquer ato de coragem de fala. Há condições específicas que devem ser respeitadas no uso desses conceitos. Na elaboração do próprio filósofo:

Para que haja *parresía* [...] o sujeito [ao dizer] essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem dirige. Para que haja *parresía* é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixa-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência [...] A *parrhésia* portanto põe em risco não apenas a relação estabelecida entre quem fala e aquele a quem é dirigida a verdade, mas, no limite, põe em risco a própria existência daquele que fala, se em todo caso seu interlocutor tem um poder sobre aquele que fala e se não pode suportar a verdade que este lhe diz (FOUCAULT, 2011, p. 12-13).

Procuramos visibilizar, pelas análises dos trechos apresentados ao longo deste estudo, que as narrativas de vida de Carson e Stang se coadunam com os perigos assumidos por aquele que fala, colocando em risco, nesse fazer, sua relação com o/os outro/s.

Narrativas selvagens, narrativas que sangram

A vida de Rachel Carson, bióloga marinha do Serviço de Peixes e Vida Selvagem dos Estados Unidos, não pode ser analisada de forma distanciada da publicação de sua obra, considerado um texto paradigmático no contexto norte-americano e, posteriormente de extensão global. Apesar de sua obra *Silent Spring* (Primavera Silenciosa³) ter lhe concedido ampla repercussão, já era reconhecida nos EUA, em 1951, pois já havia escrito o livro *O mar que nos cerca*, com evidências do envenenamento das águas marítimas.

³ A obra recebe este título devido à morte das aves pelo diclorodifeniltricloroetano, o DDT.



Fonte: EUA Fish and Wildlife Service. In: PEREIRA, <http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2012/11/50-anos-de-primavera-silenciosa.html> 19 de outubro de 2015.

Seus estudos foram considerados pioneiros sobre os problemas causados pela intervenção militar e política causaram polêmica e perseguição à sua profissão. Em *Primavera Silenciosa*, publicado em 1962, os EUA e o mundo conheceram com mais detalhes o mundo empresarial que movimentou o amplo aparato do avanço militar dos EUA no resto do planeta.

Inicialmente, a obra *Primavera Silenciosa* foi publicada em forma de textos nas páginas da prestigiada revista estadunidense *The New Yorker*, e revelava o uso dos pesticidas no Japão pelos EUA em 1945 durante a II Guerra. Depois da grande repercussão dos textos, recebeu o formato de livro.

Até 1962 vários sintomas da crise ambiental avizinhavam o planeta. Na década de 1950 em Londres o *smog* (neologismo composto pelas duas outras palavras de origem norte-americana: *smoke* e *fog*), poluição atmosférica devido aos efeitos das indústrias, provocou muitas mortes, assim como em Nova York de 1952 a 1960. Em 1953 a população japonesa de Minamata viveu o problema da intoxicação de milhares de pessoas pela poluição de mercúrio que se repetiu anos mais tarde em Niigata (MARCATTO, 2002). Foram os primeiros grandes impactos ambientais que mostraram a desumana interferência das tecnologias do século XX.

A Inglaterra do século XX também computou dados sobre o grande impacto das indústrias na Inglaterra sobre a economia e cidades.

[...] nos últimos anos do século passado, o doutor Cartwright, um pároco rural, inventou o *tear mecânico* e já em 1804 o aperfeiçoara a ponto de concorrer com sucesso com os tecelões manuais. A importância de todas essas máquinas foi duplicada com a *máquina a vapor* de James Watt, inventada em 1764 e utilizada, a partir de 1785, para acionar as máquinas de fiar.

Com essas invenções, desde então aperfeiçoadas ano a ano, decidiu-se nos principais setores da indústria inglesa a *vitória do trabalho mecânico sobre o trabalho manual* e toda a sua história recente nos revela como os trabalhadores manuais foram sucessivamente deslocados de suas posições pelas máquinas. As consequências disso foram, por um lado, uma rápida redução dos preços de todas as mercadorias manufaturadas, o florescimento do comércio e da indústria, a conquista de quase todos os mercados estrangeiros não protegidos, o crescimento veloz dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, o crescimento ainda mais rápido do proletariado, a destruição de toda a propriedade e de toda a segurança de trabalho para a classe operária, a degradação moral, as agitações políticas e todos os fatos que tanto repugnam aos ingleses proprietários [...] O centro principal dessa indústria é o Lancashire, onde, aliás, ela começou, revolucionando completamente o condado, transformando esse pântano sombrio e mal cultivado numa região animada e laboriosa: decuplicou, em oitenta anos, sua população e fez brotar do solo, como por um passe de mágica, cidades gigantescas como Liverpool e Manchester, que juntas têm 700 mil habitantes, e cidades secundárias como Bolton (60 mil habitantes), Rochdale (75 mil habitantes), Oldham (50 mil habitantes), Preston (60 mil habitantes), Ashton e Stalybridge (40 mil habitantes) e uma miríade de outros centros industriais (ENGELS, 2008, p. 50-51).

A denúncia da autora deteve-se na liberação desenfreada do organoclorado DDT (abreviatura de diclorodifeniltricloreto), produto cuja síntese data do final do século XIX quando, devido ao crescimento das cidades em torno das indústrias, aumentaram os piolhos, pernilongos e outros insetos, o que levou ao crescimento das indústrias de inseticidas durante a Segunda Guerra Mundial.

O DDT foi inicialmente sintetizado por um químico alemão em 1874, na Alemanha, mas as suas propriedades inseticidas só foram descobertas em 1939. Quase imediatamente, o DDT começou a ser aclamado como um meio de vencer as doenças transportadas pelos insetos, e de dar a vitória aos lavradores na guerra contra os destruidores das colheitas, de um dia para o outro. O descobridor, Paul Müller, recebeu o prêmio Nobel (CARSON, 1962, p. 36).

Primavera Silenciosa: fragmentos de uma verdade nua

Em 1958, Rachel Carson recebeu uma carta de Olga Huchins, do Alabama, EUA, relatando a devastação de uma região dos EUA causada pelo uso indiscriminado do DDT, agrotóxico utilizado para erradicar pernilongos e outros insetos.

Numa carta escrita em janeiro de 1958, Olga Huckins contou-me a sua própria e amarga experiência de um pequeno mundo deixado sem vida e, assim, chamou de novo, e agudamente, a minha atenção para um problema que desde há muito me preocupava. Compreendi que devia escrever este livro (CARSON, 1962, p11).

Carson realizou sua pesquisa por mais de quatro anos e usou um estilo linguístico adequado para mostrar ao público de não cientistas a destruição e contaminação de rios, plantas, animais e homens cunhando o termo “biocida” para pesticidas como o DDT. A fotografia a seguir, do acervo da Secretaria de Pesca Federal dos EUA, mostra – a com o ilustrador Robert Hines, em 1955, na coleta de materiais marinhos para a elaboração de folhetos educativos.

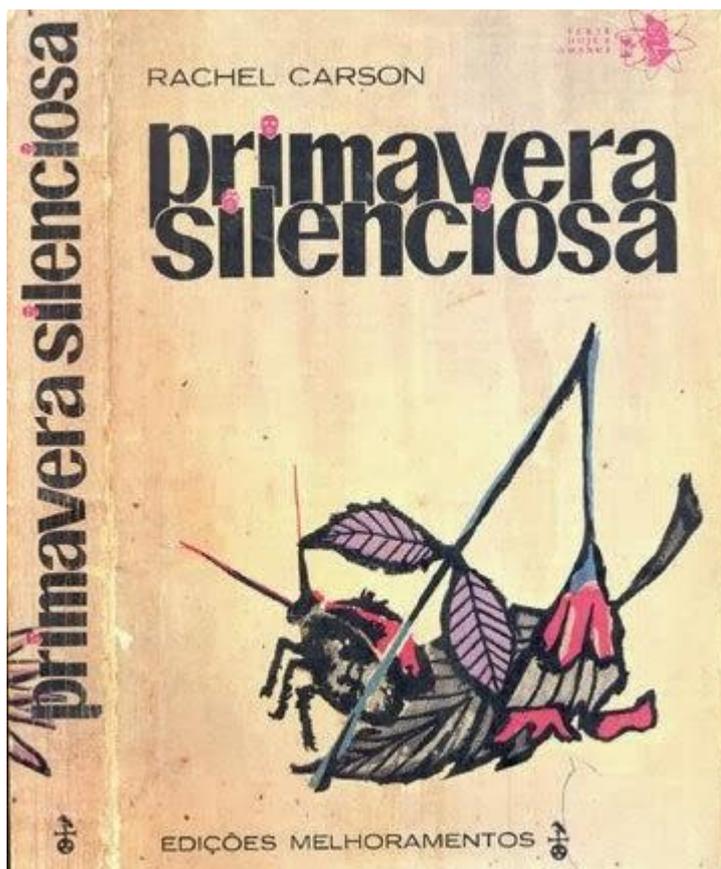


Rachel Carson e o ilustrador Robert Hines (1955). Na foto, eles aparecem coletando material para panfletos educativos e para publicações técnicas oficiais, pouco antes da saída de Carson da Secretaria de Pesca Federal (Foto em domínio público. US Fish and Wildlife Service). In: PEREIRA, <http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2012/11/50-anos-de-primavera-silenciosa.html> 19 de outubro de 2015.

Seu livro, depois de estudos sobre o DDT, inicia-se assim:

Era uma vez uma cidade no coração da América, onde toda a vida parecia palpitar em harmonia com o seu ambiente. A cidade ficava no meio de quintas prósperas, com campos de cereais e colinas de pomares onde, na Primavera, nuvens brancas de flores pairavam sobre campos verdes. No Outono, os carvalhos, os bordos e os videiros tinham clarões de cor que ardiam e tremulavam do pano de fundo dos pinheiros. Então, as raposas nas colinas regougavam nas colinas e os veados atravessavam silenciosamente os campos, meio escondidos na neblina das manhãs de Novembro. [...] mas depois uma estranha praga alastrou por toda a região e tudo começou a mudar. Um mau feitiço tinha caído sobre a comunidade: doenças misteriosas varriam as ninhadas de pintos, as reses e as ovelhas adoeciam e morriam. Por toda a parte se estendia uma sombra de morte. Na cidade, os médicos andavam cada vez mais intrigados com as novas doenças que apareciam entre seus pacientes. [...] Os pássaros, por exemplo, onde tinham ido? [...] era uma Primavera sem vozes. O nascer do dia, que noutros tempos palpitava como coro matinal dos piscos, dos gaios, das carriças e dos pombos, e de muitos outros pássaros, era agora calado: só o silêncio estava sobre os campos, os bosques, e os pauis. [...] Essa cidade não existe realmente, mas pode vir a ter muitos milhares de semelhantes na América e por todos os recantos do mundo (CARSON, 1962, p. 18-19).

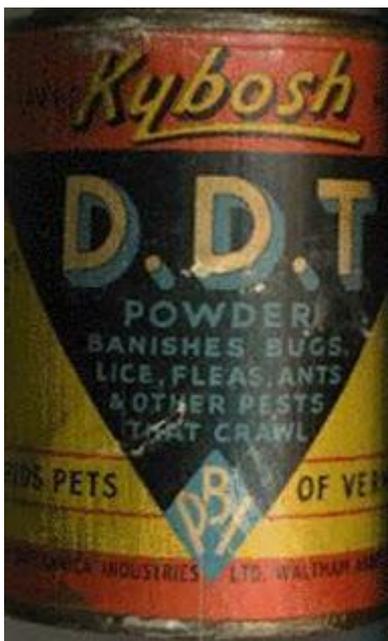
O caráter estético da vida de Carson não esteve resumido nas suas manifestações escritas. Ela também lutou para que as indústrias e o governo impedissem a produção de tais pesticidas. Desse modo, despertou um amplo debate a ponto de o presidente da República estadunidense, John F. Kennedy, determinar que a produção do DDT fosse investigada naquela localidade. Em 1963 graças ao movimento ambiental que se iniciava, Carson foi convidada a depor ao senado estadunidense a respeito dos danos ao meio ambiente e aos seres humanos causados pelos pesticidas. Isso levou à criação de leis estaduais e federais e da Agência de Proteção Ambiental – EPA - que, mais tarde, garantiu uma legislação para proteção de espécies ameaçadas de extinção.



In: <http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2012/11/50-anos-de-primavera-silenciosa.html>, 19 de outubro de 2015.

Dada esta grande visibilidade já bastante conhecida pelos seus regimes enunciativos, a bióloga foi difamada pelas indústrias de pesticidas; tolerou a perseguição e a calúnia de muitos de donos de fábricas que investiram muitos dólares em propaganda contra a pesquisadora. Mesmo assim, ela transmitiu as bases dos conceitos modernos da Ecologia, da prevenção ambiental e dos movimentos ambientalistas.

Enquanto a população enviava inúmeras cartas de apoio a Carson, os fabricantes de pesticidas se uniram para desacreditar a autora e seus colaboradores. Cientistas comprometidos com a produção de agrotóxicos publicaram artigos questionando a legitimidade do livro porque a autora não tinha doutorado (era mestre em zoobotânica), e outros a atacaram com argumentos preconceituosos, chamando-a de “freira da natureza”, “solteirona”, “feiticeira”, insinuando que deveria se calar apenas pelo fato de ser uma mulher (PEREIRA, 2012, p. 1).



<http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2012/11/50-anos-de-primavera-silenciosa.html>



Propaganda de DDT nos EUA. In:
<http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2012/11/50-anos-de-primavera-silenciosa.html> Pereira, blog (2012)



Aplicação do DDT, usado em primeiro lugar no combate a insetos transmissores de doenças. O composto começou a ser banido de vários países no final da década de 1960. (foto: Otis Historical Archives/ National Museum of Health and Medicine – CC BY 2.0). In: PEREIRA, 2012. <http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2012/11/50-anos-de-primavera-silenciosa.html> Acesso em: 19 de outubro de 2015.

O DDT foi banido de vários países, a começar por Hungria (1968), Noruega e Suécia (1970) e Alemanha e Estados Unidos (1972). Hoje, a Convenção de Estocolmo sobre Poluentes Orgânicos Persistentes, assinada por cerca de 180 países, restringe o uso do composto a casos especiais de controle de vetores de doenças. No Brasil, a fabricação, importação, exportação, manutenção em estoque, comercialização e uso do DDT só foram proibidos em 2009. Já havia pessoas preocupadas com a devastação da natureza bem antes de *Primavera silenciosa*, mas o movimento ecologista de caráter político certamente foi impulsionado pela publicação do livro. Ao criticar o uso dos agrotóxicos, Carson tratava um tema fundamental, a relação do homem com a natureza. Em um trecho do livro, ela pergunta: “O valor supremo é um mundo sem insetos, mesmo que seja um mundo estéril?”.

Para Carson, a humanidade estava em guerra com a natureza. Trilhando um caminho equivocado, começava a sofrer um tipo de risco introduzido pelo próprio ser humano. Em nome do progresso científico, os agrotóxicos eram anunciados como a maneira mais moderna de se erradicar pragas na agricultura e, com isso, resolver o problema da fome no mundo. Essa ‘promessa’, no entanto, não foi

cumprida: os insetos se tornaram resistentes aos venenos e ainda há muita gente passando fome.

Mesmo passados 50 anos, o livro de Rachel Carson permanece extremamente relevante. No contexto recente, em que o Brasil carrega o assustador título de maior consumidor de agrotóxicos do mundo, *Primavera silenciosa* é atual e necessário. As palavras dessa pesquisadora e escritora podem nos ajudar a repensar nossos valores. Afinal, vale muito mais a pena ter primaveras bem barulhentas, nas quais possam ser ouvidos tanto os sons das pessoas quanto os sons da natureza (PEREIRA, 2012, p. 1).

Carson faleceu em 1964 em decorrência de um câncer de mama; em 2000, seu livro *Primavera Silenciosa* foi considerado o melhor exemplo de jornalismo ambiental. No Brasil, o livro *Primavera Silenciosa* foi publicado em 1964.

Guardando inúmeras similaridades e, ao mesmo tempo, distanciamentos perceptíveis com Carson, Dorothy Stang também foi uma norte-americana que naturalizou-se brasileira posteriormente. Ficou mais conhecida como Irmã Dorothy dada sua proximidade a uma congregação religiosa fundada em 1804.

Comparada à narrativa de Carson, julgamos que a vida de Dorothy assumiu um enredo mais complexo, dados os conceitos que acionamos neste estudo. É imprescindível destacar que a vida de Dorothy e, conseqüentemente, os efeitos produzidos por ela estiveram circunscritos à ação de uma pastoral cristã, uma temática também estudada por Foucault em seus últimos cursos do *Collège de France*.

Presente na Amazônia desde a década de setenta, junto aos trabalhadores rurais de uma região bastante conflituosa no território brasileiro, o do rio Xingu, sua atividade pastoral e missionária (principalmente envolvendo a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) buscava a geração de emprego e renda com projetos de reflorestamento em áreas degradadas, junto aos trabalhadores rurais da área da rodovia Transamazônica.

Logo se tornou um nome incômodo, pois seu trabalho focava-se também na minimização dos conflitos fundiários que permeavam milhares de quilômetros de extensão na região em que habitava. Atuou ativamente nos movimentos sociais no estado do Pará, tornando-se referência nacional e internacional em projetos de Desenvolvimento Sustentável, terminologia já

posta em circulação pela nova ordem discursiva disparada pela Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente Humano e Desenvolvimento Sustentável, ou simplesmente Eco-92 ou Rio-92, que aconteceu em Junho de 1992 na cidade de Rio de Janeiro.

Do ponto de vista político, Stang distancia-se muito dos saberes utilizados por Carson em sua luta ambientalista. Enquanto esta era cientista, aquela era uma religiosa, uma missionária que galgava do poder pastoral. Tornou-se bastante conhecido o relato de uma testemunha que encontrara Dorothy próxima de sua morte, quando questionava a ela se estava armada. “Eis a minha arma”, afirmou ela apontando para a bíblia.

Não se pode afirmar, deste modo e em perspectiva foucaultiana, que as práticas de Stang eram libertárias, uma vez que o poder pastoral pede algo em troca: a remissão e a alma do indivíduo. Em uma redenção completa, doou sua vida em troca da proteção dos agricultores que habitavam aquela região. Outrossim, a missionária provocou ecos cínicos, no sentido de persistir sobre as inúmeras ameaças de morte que já havia recebido por muitos fazendeiros que habitavam aquela região, interessados nas terras e não nos modos de vida sustentáveis postos em prática pela missionária em articulação com algumas famílias de agricultores. Dorothy não sucumbiu aos apelos do agronegócio e deixou seu legado denunciante, frente a um mundo do qual não compactuava.

Sua luta se deu nas organizações populares, nos movimentos. Como Foucault desenvolveu o GIP – Grupo de Informação sobre as Prisões; Dorothy desenvolveu a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora de Namur. Ambos, responsáveis pela produção e difusão de informações que compuseram lutas diárias. O grupo de Dorothy permaneceu enfatizando por anos que na Amazônia morrem ambientalistas, agricultores e defensores dos direitos humanos, vítimas de assassinatos premeditados para eliminar a oposição à destruição da floresta amazônica.

Reigota e Prado (2008, p. 13) já anunciavam a importância da construção da identidade do sujeito histórico se dar por um reconhecimento de si em interação social com o outro, como fazia Dorothy, elaborando e interpretando o local e o tempo em que vive em conjuntura aos seus:

A exposição consentida dessa interpretação possibilita a difusão de conhecimentos e “leituras de mundo” sobre diversos aspectos que fazem o Brasil contemporâneo, pela observação atenta dos anônimos envolvidos cotidianamente na construção de uma sociedade justa, democrática e sustentável.

Enquanto Carson promoveu um curto circuitar na ordem das coisas com sua obra, cabendo lembrar com Martins (2009, p. 53 acréscimo nosso) de que “escrita e ação, teoria e prática, ética e política estão singularmente ligadas na perspectiva da parresia [nesta via] não existe um discurso verdadeiro de um lado, neutro e pálido, e, de outro, uma coragem que procuraria causas a serem defendidas”; Stang exerce uma micropolítica na militância que desempenhou no território amazônico.

Imerso nos trabalhos de Foucault, Gros (2002) demonstra que a parresia envolve um estilo de atitude ético-política que se aproxima ou mesmo se caracteriza na figura do intelectual engajado. Esta construção apresenta-se num caráter indissociável entre obra-vida e militância-vida, uma vez que a escritura de um livro e a ação política são duas faces de uma vida que se quer obra de arte.

Infiéis a uma doutrina de seu tempo, global e local, as duas vidas elencadas nesse ensaio para pensar as fraturas do ambientalismo reativaram, permanentemente, uma atitude. Ao tom foucaultiano, pode-se dizer uma atitude-limite, uma vida de fronteiras que entrecruza a ordem do discurso dominante.

Considerações Finais

Há muitas formas de se conhecer a história de vida de Carson e Stang. A escolha aqui se deu sobre a opção de narrar suas vidas pela coragem da verdade, o que estabeleceu uma disjunção, ou pelo menos ruptura, nos modos de vida da época, diante dos atravessamentos ambientalistas. As narrativas dessas mulheres nos delineia que o modo com que esses discursos atravessam as vidas não é linear, mas um terreno cheio de clivagens, irregularidades e estridências, e que o ambientalismo pode ser um modo de vida parresiasta.

O desfecho dessas histórias não foi feliz para essas duas mulheres, mas o curto circuito na ordem discursiva que delineou esses acontecimentos permanece vivo, encetando as realidades o tempo presente. O contexto norte americano da década de 1960 e brasileiro da década de 1970 (quando Stang começa, efetivamente, a trabalhar no Brasil), apesar de separados em tempo e espaço, singularizam duas histórias de vida que também rompem com as dominações masculinas e binárias, apesar de não ter sido o foco central da análise deste trabalho.

Referências:

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Editora melhoramentos. 1962.

GROS, Frédéric. Introdução. A coragem da verdade. In. GROS, Frédéric (org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

GROS, Frédéric. A parrhesia em Foucault (1982-1984). In. GROS, Frédéric (org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

GROS, Frédéric. **Foucault le courage de la vérité**. Paris: Presse Universitaire de France, 2002, p. 155-166.

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARCATTO, Celso. **Educação Ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: Editora Feam. 2002.

MARTINS, Carlos José. Figurações de uma atitude filosófica não-fascista. in. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PEREIRA, Elenita Malta. Rachel Carson, ciência e coragem. **Revista Ciência Hoje**. Ed. 296. 4 de Outubro de 2012. Disponível em: www.cienciahoje.org.br/revista/materia/id/658. Acesso em: 28/11/2017.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do (orgs.). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.